

## Jejum e Fome Zero

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O tempo da Quaresma que agora vivemos traz consigo o apelo à conversão e à mudança de vida. Para realizar esta proposta, a Igreja propõe a cada fiel a prática da penitência, do jejum e outros exercícios ascéticos que têm a função de “recordar” ao corpo sua verdade e vocação: ser a condição de possibilidade da inserção do ser humano no mundo e de sua comunicação com os outros.

Nas sociedades ocidentais, pensa-se normalmente que o corpo humano é um objeto relevante apenas para as áreas do saber da biologia ou da fisiologia, por exemplo e que sua realidade material deve ser pensada de maneira independente das representações sociais ou da preocupação das ciências humanas. Na verdade, o corpo é um dos elementos constitutivos da « pessoa », aqui entendida no sentido etnológico, seja os diferentes sistemas de representações do ser humano, recobrando, além do corpo, as « almas » e os « princípios » do ser. Quando se considera assim o corpo como um elemento entre outros no seio de sistemas simbólicos variáveis, como participando na edificação de uma pessoa social, de um membro conforme à imagem que seu grupo institui como normal, nos encontramos em uma perspectiva radicalmente diferente das concepções modernas, para quem o corpo é uma totalidade autônoma.

O corpo significa ao mesmo tempo Vida e Morte, o normal e o patológico, o sagrado e o profano, o puro e o impuro. As práticas corporais são ritos que imprimem ao ser humano uma certa consciência visceral do mundo, altamente estruturada, codificada, rigorosa e socializada, em que as possibilidades de escolha são limitadas a mínimos parâmetros, porque qualquer liberdade é altamente significativa e põe em risco a totalidade do sistema de ordenação do mundo. Cada tradição lida com seus ritos sobre o corpo, interditando-o ou não. Convivemos aqui com diferentes formas de lidar com ele, em função das crenças religiosas, que geram valores, atitudes e estabelecem toda a ordem e a contra-ordem social. São representações sociais diversas. A sociedade codifica o corpo e as codificações do corpo codificam a sociedade. São codificações lógicas e morais. São também codificações religiosas e de fé. O Cristianismo valoriza o corpo não apenas como lugar do prazer, mas também como lugar da privação em vista de uma maior disponibilidade do corpo para a construção da comunidade humana.

O corpo não é isolado. Um corpo não existe sem outros corpos. Uma criança recém-nascida necessita sentir o calor do corpo da mãe ou de outra pessoa para sentir que está viva, que é amada e com isso continuar vivendo. A relacionalidade que é a identidade mesma do humano passa pela corporeidade e lhe imprime um sentido e uma direção que vão revelar toda a sua medida e grandeza. Por isso, o Cristianismo propõe a ascese – ou exercício do corpo em termos de privação, de jejum, de penitência – não para desvalorizar o corpo, mas para proclamar qual é sua verdadeira vocação.

Esta valorização da ascese por parte do Cristianismo como mediação importante para aproximar-se mais de Deus e dos irmãos tem recebido da mentalidade moderna e pós-moderna críticas severas. Seria uma espiritualidade dolorista, que esconderia no seu fundo mais profundo um elemento doente e distorcido, revestido de masoquismo, que enalteceria o sofrimento e a dor de maneira malsã, apresentando a vida como um vale de lágrimas e o caminho para a santidade como uma sucessão de infindáveis e cruentos sacrifícios.

Ora, na verdade é totalmente outra a proposta da Igreja quando exorta os fiéis à conversão neste tempo que antecede a Páscoa. A experiência religiosa e mística do Cristianismo e de todas as grandes religiões introduziu para sempre no linguajar humano a conexão entre a experiência do amor divino e a experiência da corporeidade. Esta conexão está presente sobretudo na linguagem dos místicos.

O grande pensador Georges Bataille defende a tese de que fomos nós que, com a mentalidade científica e técnica da modernidade, fizemos da união sexual uma realidade puramente biológica. Na verdade, a fenomenologia das religiões demonstra-nos que a corporeidade humana é toda ela imediatamente significativa do sagrado. Com mais razão se pode fazer tal afirmação quando se trata do Cristianismo.

Centrado no mistério da encarnação, o Cristianismo não menospreza o corpo, mas o inclui em sua reflexão e discurso e o coloca em lugar proeminente ao refletir e falar sobre o mistério do divino. A experiência da Transcendência no cristianismo é a experiência de um Deus encarnado. Portanto, é uma experiência que passa pela corporeidade. Fora deste dado central e indispensável, não há cristianismo.

Nada do que é humano, portanto, é estranho ao divino segundo o Cristianismo e toda nova descoberta e toda nova ênfase do pensar e do falar cristãos em termos de humanidade vêm não ameaçar sua identidade, mas pelo contrário, alimentá-la, nutri-la, faze-la mais verdadeira. Ao contrário, toda tentativa de escapar e minimizar a corporeidade e a carne, é tentação que descaracteriza a teologia cristã, em sua dinâmica histórica e encarnatória.

Por que, então, a penitência e o jejum? Se o cristianismo proclama e constata a redenção da carne, desta carne que foi assumida pelo próprio Deus com todas as suas conseqüências, por que mortificá-la pela penitência, por que frustrá-la pelo jejum e a abstinência?

Mais veementes e instigantes se tornam ainda estas perguntas nos tempos de hoje, em que assistimos a uma verdadeira obsessão pela glorificação do corpo. Nos altares das academias, nas passarelas das pistas de corrida, nos aparelhos de musculação se edificam músculos perfeitos e ventres lisos e rijos; nas salas de cirurgia plástica se transformam narizes, bocas, queixos e testas com bisturis e injeções de botox; ou se reconstroem corpos inteiros, eliminando gorduras e celulites, subtraindo carne ou acrescentando-a, inserindo peitos onde não os há e subtraindo-os quando são demasiado fartos. Isso até que as curvas obedçam ao padrão de perfeição ditado pela moda do momento sem o qual a beleza não existe ou não satisfaz as expectativas sobre ela lançadas.

A ascese proposta pela Quaresma pretende na verdade libertar-nos desta escravidão.

Pretende fazer-nos experimentar nossos limites e a verdade de nossa condição humana, que é carente e vulnerável, sente fome, sede, frio e dor. Andando em contra-mão do hedonismo a que a sociedade instiga, nos faz perceber a dignidade do nosso corpo, que voluntariamente colocamos à prova pelo jejum e a penitência.

Assim, ajuda-nos a perceber que esse corpo que nos foi dado de graça e por graça é maior do que aquilo a que as academias, ginásios e clínicas estéticas o querem reduzir. Nosso corpo é chamado a ser disponível para louvar, ágil para servir, pronto a curvar-se sobre o que sofre para resgatá-lo e ajudá-lo, aberto para receber menos insumos e alimentos a fim de que outros possam saciar a fome que lhes devora as entranhas e a vida.

Esse o sentido da ascese, do exercício que a Quaresma nos convida a praticar. Nem de longe se trata de uma tortura ou menosprezo do corpo, mas de uma proclamação entusiasta daquilo que é sua verdadeira vocação: o serviço, o louvor, o amor. Nos tempos em que o Brasil se empenha no programa Fome Zero, que a prática do jejum seja um estímulo para que vivamos a solidariedade abrindo mão do que sobra ou mesmo do que é escasso em

nossas mesas e estômagos para que outros possam ter acesso ao alimento que sustenta o corpo e o mantém vivo e de pé, para a glória de Deus.